

DESAFIOS DO CAMPO ANTROPOLÓGICO: O USO DO ELAN E DA TEORIA DO EMBODIMENT NA ETNOGRAFIA

Isabelle de Araujo Lima e Souza¹
Ana Luisa Borba Gediél²

Introdução

A Antropologia desde sua gênese tem se preocupado em compreender “o outro”, entender as relações sociais existentes em uma cultura. Inicialmente, a alteridade tão buscada pela disciplina era considerada a partir do outro, do estranho, do exótico. O fazer antropológico estava situado em comunidades consideradas homogêneas e geograficamente distantes. Oliveira (1998) menciona que o papel do Antropólogo era comparado ao do Astrônomo nas ciências humanas.

A ciência de tempos em tempos cria paradigmas, contradições, refuta-as e surgem novas teorias, como aponta a filosofia da ciência (Popper, 2006). A Antropologia não poderia ser diferente; o (re)pensar de sua epistemologia e o questionamento dos paradigmas por ela criados e cristalizados, tornam-se foco de discussões e (re)invenção acerca de seu campo, do empirismo, das contradições e inovações teóricas (Peirano, 2014). As relações humanas estão imbuídas em um processo dinâmico e diacrônico, as quais exigem uma postura metodológica para compreender a complexidade que se constitui ao olhar para os fenômenos sociais. Desse modo, o exercício de refletir a respeito dos conceitos, das metodologias e das categorias analíticas, pelas quais a Antropologia tem-se debruçado para compreender o sujeito de sua pesquisa, configura-se como um ato constante.

Essa dinâmica de produção de saberes está demarcada por um processo temporal, ao final do século XX, o fenômeno da globalização aproxima os povos, intensifica as relações de trocas culturais, econômicas, linguísticas e simbólicas. Isto fez com que “o outro”, os povos não ocidentais fossem interligados com maior fluidez aos ocidentais (Hall, 1999). O estreitamento das relações levou a Antropologia a questionar a si mesma quanto ao seu objeto de estudo, pois o campo de pesquisa assim como os seus sujeitos já não eram os mesmos. Viu-se, então, que era necessário desnaturalizar as suas próprias teorias; e os Antropólogos começaram a perceber que a alteridade não

¹Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

precisava estar distante. Era possível compreender a complexidade envolvida nas relações em que o pesquisador estava inserido.

Imbuído nesse debate, este trabalho tem o intuito de (re)pensar alguns aspectos desse campo e dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como apresentar recursos metodológicos que venham a auxiliar o pesquisador na análise de dados. A discussão foi pautada a partir do uso de um software, comumente utilizado pela Psicolinguística e pela Linguística, o *EUDICO Language Annotator* (ELAN), e a sua aplicação ao campo metodológico, envolvendo as definições teóricas alicerçadas na Antropologia Fenomenológica, desenvolvidas por Csordas (2008).

Peirano (2014) reitera que tal discussão se constitui levando em conta um paralelo entre o surgimento de pesquisas com a transversalidade de disciplinas e a combinação com pressupostos dos clássicos antropológicos. Esse contexto resulta em diminuir parcialmente as relações de poder entre pesquisador e pesquisado e, ainda, obter abrangência nas unidades de estudo, com vistas à diversificação do olhar ao cotidiano no âmbito acadêmico.

O debate acerca da teoria do *embodiment* torna-se relevante, pois chama a atenção do Antropólogo para as percepções do indivíduo acerca dos processos rituais, e ainda visa utilizar as experiências e vivências de mundo dos sujeitos a fim de compreender o universo simbólico no qual ele está inserido. Assim, esta corrente teórica entende o corpo enquanto *Locus Cultural*, haja visto que os seres humanos são capazes de (re)significar a sua cultura por meio das suas experiências. Deste modo, a Antropologia Fenomenológica visa repensar o campo metodológico desta disciplina e trazer contribuições a pesquisa etnográfica contemporânea.

No que tange aos recursos metodológicos utilizados para a análise dos dados, o ELAN apresenta-se como um software capaz de auxiliar o etnógrafo no momento em que está tecendo a sua descrição densa (Malinowisk, 1976). Este recurso pode ser apropriado por aqueles que utilizam corpora de vídeo para a coleta de dados, assim o pesquisador pode acelerá-lo e desacelerá-lo e ainda criar faixas, selecionar trechos e fazer marcações neste.

O campo antropológico e suas transformações

A Antropologia em sua gênese teve como preocupação central sociedades longínquas, as quais eram tidas como “primitivas”, “homogêneas”, e menos especializadas em relação às sociedades ditas “civilizadas” (Laplantine, 1994). Esta disciplina é considerada recente se comparada às demais ciências como a física, a biologia e a matemática, por exemplo. As ciências da natureza, aliás, exerceram uma influência significativa na construção da ciência que visava estudar o comportamento humano e suas instituições.

Os primeiros ensaios (Durkheim e Mauss, 1981) estavam demasiadamente influenciados pelos métodos das ciências da natureza; deste modo, acreditava-se que as sociedades “primitivas” estavam em processo de evolução. Por isso suas organizações eram menos complexas e mais homogêneas. De acordo com esses autores, as relações humanas eram reguladas pelas crenças, ritos e mitos. Nessa conjectura, a Antropologia, a princípio, tentava distanciar ao máximo o pesquisador do objeto. O cientista munido de seus métodos iria interpretar as sociedades não ocidentais.

Assim, marcou-se a identidade da disciplina Antropológica, caberia a ela estudar a alteridade, “o outro”, o sujeito distante e geograficamente delimitado. Entretanto, em meados do século XX a disciplina foi surpreendida com a transformação das sociedades tradicionais, a cultura dos povos tidos como primitivos estariam se modificando. Alguns consideraram este fato como um possível fim da Antropologia, pois o seu “objeto” não existiria mais. Enquanto uns tinham uma interpretação mais pessimista acerca da epistemologia da disciplina e a delimitação do seu campo atuarial, outros encararam como uma oportunidade para (re)pensar a identidade dessa disciplina.

Deste momento em diante, os olhos do Antropólogo voltaram-se para as sociedades complexas, começaram a desnaturalizar e a estranhar a sua própria cultura. Nesse processo de reafirmação de valores e do foco disciplinar, o aprimoramento dos métodos e a sensibilização no que se refere à alteridade possibilitaram a percepção da diversidade cultural dos seres humanos. Ainda, houve a visibilidade de ampliar as delimitações das fronteiras geográficas, ou seja, não era mais preciso transpor o pacífico, pois a alteridade está presente em todas as relações humanas. A partir disso, a Antropologia é considerada como “o estudo de todas as sociedades humanas, ou seja,

das culturas da humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas” (Laplantine, 1994: 20).

Longe de perder a identidade, as transformações culturais abriram um novo paradigma, e os cientistas sociais foram levados a (re) pensar as fronteiras e os limites da desse campo, o que ocorre, de tempos em tempos. Constitui-se um paradigma, este entra crise, e surge, então, um novo protegido pelas teorias (Popper, 2006). De acordo com a Filosofia da Ciência as contradições dentro de uma teoria, o questionamento de sua episteme são perfeitamente compatíveis. Com a Antropologia não poderia ser diferente

O autor Laplantine (1994) demonstra a capacidade de criar distinções como uma faculdade comum a todos os seres humanos, os quais são diferenciados por meio “dos costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos; pois se há algo natural nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão a variação cultural” (Laplantine, 1994: 22).

Em conjunto com a reformulação do entendimento a respeito da diversidade humana, houve um aprimoramento no procedimento metodológico. A utilização dos dados empíricos é legitimada na Antropologia, desde seu princípio, concebida como uma riqueza da disciplina. No entanto, os métodos foram sendo refinados e a especificidade do olhar trouxe outras percepções, as quais passaram a ser construídas a partir dos “eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação” (Peirano, 2014:4).

O questionamento sobre esse campo ainda é uma questão atual e que deve ser levantada pelos pesquisadores contemporâneos. Oliveira (1998) argumenta em relação à cristalização dos conceitos, categorias classificatórias e teorias que são constituídas através da história. Este fenômeno impossibilitaria a compreensão dos sujeitos contemporâneos, como a naturalização da categoria índio, na etnologia. Esse formato, como aponta Oliveira (1998), impossibilitou a compreensão de diferentes percepções de cultura e identidade; no caso dos índios do nordeste, eles eram vistos como “misturados”, não sendo interpretados a partir dos seus “padrões étnicos”.

Oliveira (1998) propõe o reexame da teoria utilizada na contemporaneidade. O autor incita o debate, na medida em que articula como a Antropologia. Esta disciplina que historicamente lutou pela compreensão do outro, pela desnaturalização e pelo

estranhamento do mundo, naturalizou seus conceitos e teorias. Essa postura dificultou o entendimento das relações contemporâneas, porque nem sempre os sujeitos se identificam com as categorias criadas pelos Antropólogos, ou por vezes, não se enquadram nos modelos classificatórios estipulados pelos cientistas.

Em suma, a maioria dos pesquisadores contemporâneos ativeram suas críticas ao objeto de estudo da disciplina, seja para (re)defini-lo ou para questionar a forma como eles são representados durante o processo de divulgação do conhecimento. Estes debates trouxeram contribuições significativas no que cerne ao campo, os conceitos e categorias utilizadas atualmente pela Antropologia Social.

O corpo enquanto campo metodológico

A crítica Antropológica foi útil também para repensar o campo teórico-metodológico, assim autores como Csordas (2008) fazem uma revisão crítica e epistemológica de como a disciplina desenvolve. Ele tece uma análise acerca da Antropologia Social que visa compreender os processos rituais e suas relações simbólicas. Segundo o autor, os pesquisadores centraram-se de tal forma nas instituições, que esqueceram de considerar as experiências humanas para a compreensão dos processos rituais. Quando refere à linguagem ritual como um sistema simbólico, a disciplina desconsidera a experiência dos sujeitos envolvidos, além de tratar todo o processo de uma forma dual, em relação às noções: mente/corpo, linguagem/experiência, sujeito/objeto (Csordas, 2008). Assim o autor propõe uma revisão teórico-metodológica a partir da ressignificação das experiências.

Primeiramente Csordas (2008) resgata a teoria da fenomenologia da percepção de Ponty (2006). Esta corrente filosófica trata das experiências e vivências dos seres humanos, sem uma separação entre corpo e mente, rompendo-se assim com a visão cartesiana do corpo, que o compreende como uma “máquina a serviço da mente”. Para Ponty (2006), os seres humanos seriam matéria, como qualquer outra presente no mundo, entretanto, as suas experiências e a relação com os outros objetos no decorrer de sua vida fazem com que ele se perceba como um sujeito no mundo. Cada corpo tem uma percepção diferente, experienciando sensações diversas em relação aos outros corpos.

Quando Csordas (2008) resgata a teoria da fenomenologia da percepção, chama a atenção para o fato de que não há uma dicotomia entre a percepção humana e as instituições sociais, assim como não é possível separar o corpo e a mente, como até então pressupunha a Antropologia Social. Antes de os seres humanos virem a existir, já havia estruturas simbólicas, com seus significados culturais atribuídos. Desse modo, quando o homem nasce, ele não é apenas um sujeito da cultura, ou seja, o indivíduo não é apenas um reproduzidor do *habitus*³ de uma classe, a qual está inserido.

Apesar de haver um universo simbólico que é anterior ao indivíduo, os seres humanos vão experienciar e vivenciar o mundo de tal modo que serão capazes de (re)significar as relações sociais (Csordas, 2008). Cada corpo tem uma percepção particular do mundo, expressa e compartilhada por meio da linguagem. Esta é codificada e denotada em um processo ritual, em que não há apenas símbolos dotados de significados culturais. Existem, também, as experiências dos sujeitos envolvidos que (re)significam o processo. De acordo com Csordas (2008) a estrutura influencia o sujeito e vice-versa, eles coexistem no mesmo universo simbólico. O corpo é, então, o *locus* cultural e, por isso, um campo metodológico da Antropologia. Logo, Csordas (2008) propõe que as percepções dos sujeitos envolvidos no processo ritual, ou na instituição analisada, integram a pesquisa etnográfica. O antropólogo não deve apenas observar os sistemas simbólicos, mas compreender como as diferentes experiências e vivências humanas relacionam-se com esse.

A teoria do *embodiment* insita um debate, que até então é pouco discutido, este diz respeito a responder o questionamento de como o sujeito percebe a si mesmo e de que modo ele vivencia os processos rituais dos quais participa. Fazer Antropologia através das percepções humana significa trazer as vivências sujeito pesquisado para as narrativas etnográficas, e compreendê-la como uma condição da cultura. Pois, até o presente momento os trabalhos de campo centraram a maior parte de sua atenção para a interpretação das relações sociais e culturais, suas representações, os processos rituais e simbólicos; mas pouco se tem acerca de como os sujeitos pesquisados compreendem o mundo em que participam, e ainda como eles (re)significam sua cultura por meio do compartilhamento de suas experiências.

³Csordas; 2008 utiliza o conceito de *habitus* cunhado por Bourdieu, 1982.

A teoria do Emdodiment e o uso da fenomenologia na pesquisa etnográfica

Nesta secção do trabalho, pretende-se demonstrar como a proposta teórico-metodológica de Csordas (2008) foi utilizada na pesquisa etnográfica intitulada *Sinais como Nomes Própriosignificados corporais para a comunidade surda* financiada pela CNPQ no período de julho/2012 a agosto/2014. O projeto de pesquisa teve como objetivo compreender o processo de nomeação dos surdos no município de Viçosa (MG).

De acordo com Diniz (2003), a surdez é uma diferença biológica que traz também uma diferença cultural e linguística, pautada, principalmente, com o uso da Língua de Sinais. Cabe ainda ressaltar a Língua de Sinais como uma língua espacial visual, a qual tem um conjunto de aspectos gramaticais e linguísticos próprios, com perceptível flexibilidade e riqueza linguística, que possibilita transmitir sentimentos, emoções e abstrações (Gesser, 2009).

Deste modo, é possível compreender os surdos como pessoas que têm percepção visuoespacial do mundo. Essa particularidade lhes confere características culturais próprias, sentidas e experienciadas através da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Assim, o compartilhamento da Língua é também uma maneira de codificar e perceber o universo simbólico, no qual estão inseridos. Os sinais não são somente um fator de extrema importância para a comunicação, mas para a compreensão de mundo dos surdos, e de como eles se identificam e são identificados. Tais fatores influenciam nas formas como ocorrem as interações sociais, as trocas simbólicas e linguísticas entre os membros do grupo.

As questões relativas à “cultura surda”, meio pelo qual os sujeitos surdos que utilizam a LIBRAS se denominam, estão pautadas pelo conjunto de “significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989: 66). A partir deste princípio, os sinais estão presentes nas formas de comunicação da vida cotidiana, desde a construção dos nomes próprios até o uso de palavras coloquiais. Evidencia-se, aqui, um sistema complexo de significados.

Heredia (2007) fez uma etnografia dos clubes de surdos e associações de surdos situadas em Buenos Aires, Argentina. De acordo com a Antropóloga o processo ritual de nomeação pode ser comparado ao batismo, pois no momento em que um surdo mais

velho na comunidade atribui um sinal para a pessoa, quando esta estiver em contato com outros surdos ela se apresentará por meio deste sinal, e assim os demais surdos a conhecerão. Depois que recebe um sinal próprio a pessoa adquire uma identidade surda, ao utilizar a LIBRAS o sinal substituirá o seu nome em português.

Ao partir da teoria de Csordas (2008) compreendemos o corpo surdo como um campo metodológico, tendo em vista que o corpo é um *locus* cultural. Este é criado a partir do compartilhamento da linguagem com os outros corpos em interação. Cada corpo possui uma biografia, uma história e uma cultura que é construída a partir das experiências e vivências corpóreas, concomitantemente ao universo simbólico de uma estrutura social que é anterior ao corpo sujeito.

Durante o período de coleta de dados⁴ notou-se que a constituição biográfica do corpo se relacionava com a experiência e vivência da Língua Sinais. Foi preciso compreender como o pensamento linguístico e as performances da linguagem se integram, formando uma via de mão dupla, na qual uma não pode coexistir de maneira independente da outra. Logo, a reiteração e materialização do discurso é a forma de codificar e (re)significar um mundo experienciado pelo sujeito (Csordas, 2008).

De acordo com Csordas (2008) novos códigos são criados a partir da (re)significação de estruturas macrossociais em que o sujeito está inserido e, ainda, por meio de um contexto microssocial, no qual as percepções humanas estão relacionadas com as experiências do universo simbólico. Assim, as (re)significações são compartilhadas com outros sujeitos por meio das interações face a face (Goffman, 1998). Quando compreendemos como o mundo é (re)significado através das vivências de mundo, conseguimos visualizar a materialização dos sujeitos nas interações face a face. Como foi possível observar na construção dos sinais próprios, pois a partir do momento que um sujeito recebe um sinal, ele passa a existir como par identitário para os demais sujeitos que utilizam a LIBRAS.

Contribuições ainda da fenomenologia da percepção (Ponty, 2006) descrevem sobre a existência de um mundo pré-objetivo, que é anterior ao sujeito. Assim, a percepção humana é construída a partir do momento em que este vivencia e experiencia as demais matérias existentes no universo. Vale considerar ainda, que através de uma

⁴A coleta de dados ocorreu por meio de duas rodadas de entrevistas, em seções individuais, com os intérpretes, a fim de que estes nos apontassem os surdos do município com os quais tinham contato. Assim localizamos um rede de surdos, espaço onde ocorriam as interações em LIBRAS, e posteriormente foi desenvolvida a observação participante do cotidiano dos surdos Alfas da rede.

abordagem da Antropologia fenomenológica que os corpos, enquanto matéria não estão dissociados de uma estrutura simbólica (Csordas, 2008). De acordo com Csordas (2008) o habitus de uma cultura não é estruturado pela condição macroestrutural, como diria Bourdieu (1991). Esta seria uma condição construída pela percepção humana do universo simbólico, e este é compartilhado com os demais corpos no mundo. Logo, a cultura não é uma reprodução de uma condição macroestrutural, mas é um processo de constante (re)significação que ocorre por meio das experiências corpóreas de construção e entendimento dos sujeitos culturais.

Desse modo, torna-se impossível considerar o processo ritual e as performances linguísticas sem as experiências e vivências surdas. A Língua de Sinais e as performances⁵ do discurso são uma condição da existência e da percepção de mundo dos sujeitos surdos. Os sinais são um modo de materialização de um mundo pré-objetivo; e os processos rituais são uma maneira de reiteração da norma de (re)significação do significado do que é o ser surdo.

O processo de nomeação dos surdos de Viçosa (MG) pode ser dividido em três etapas, sendo estas: modalidade sensorial, interação social e atribuição de significado. A modalidade sensorial seria o momento em que o surdo percebe o sujeito com que está interagindo; a interação é quando o surdo compartilha o sinal com a pessoa que está sendo nominada; e, por último, a atribuição de significado é o momento em que a pessoa passa a ser reconhecida como Surda.

Os sinais próprios formados a partir do processo de nomeação são uma codificação das percepções surdas acerca do outro, esta é expressa através do sinal que, em analogia com o português, seria comparável a palavra (Gediel, 2010).

Importa ressaltar como as experiências dos surdos envolvidos na rede de Viçosa (MG) foram utilizadas na pesquisa etnográfica e compuseram a descrição densa. Os relatos biográficos de cada surdo Alfa⁶ a sua experiência com a Língua de Sinais foram correlacionados com os dados coletados na observação participante. Assim percebeu-se que as experiências de vida de cada sujeito eram expressas na forma como os surdos construía as unidades gramaticais de sua língua. Embora o ritual de nomeação dos

⁵Neste trabalho utilizou-se a definição de performance da/na linguagem utilizada pelo Duranti (1997), o qual refere-se ao modo como os atores escolhem determinadas palavras e as enunciam de acordo com determinado contexto sociocultural.

⁶Foram categorizados como Alfas, os sujeitos mapeados na rede e considerado pelos demais como “os surdos que conhecem muita gente”, também eram reconhecidos como lideranças no Município de Viçosa (MG).

surdos fosse o mesmo, a forma como os sinais eram desenvolvidos e a fonologia do sinal variava, de acordo com experiências biográficas dos sujeitos que nominavam.

A linguagem na pesquisa antropológica e o Elan como recurso metodológico

Como alicerce para a coleta das informações via observações, diários e entrevistas, foi essencial o uso de gravador, para registrar as falas dos intérpretes (ouvintes), os cadernos de anotação, para apontar informações significativas, e a utilização imagética, por meio da câmera filmadora. Para a realidade estudada, ou seja, com a comunicação e interpretação de sujeitos com uma língua visual-espacial, o apoio imagético foi crucial.

A linguagem e a língua são consideradas como um importante fator da cultura. Leach (1995), através do estudo do sistema político da Alta Birmânia, aponta que a identidade linguística pode ser usada como um distintivo de classe social. Além disso, a unidade linguística pode ser um diferenciador da solidariedade política ou nacional, distinguindo o “nós” e o “eles”. A circunstância de um homem falar uma língua em vez de outra é um ato ritual, uma afirmação sobre o seu status pessoal (Leach, 1995). Então, a língua e suas variações linguísticas não são evidenciadas como algo estático e hereditário. A língua é constituinte cultural e está relacionada com as relações de grupos; também, é por meio da linguagem que os rituais, os mitos, e os ritos são expressos. Deste modo, a linguagem não é apenas um campo da Linguística Aplicada, Linguística e Psicolinguística, também é uma área a ser investigada pela Antropologia, haja vista que esta é por excelência a disciplina que investiga o comportamento humano e suas relações com o outro.

A linguagem é também um campo de estudos da Antropologia, embora seja uma área pouco explorada pela disciplina no Brasil. Os tabus, os mitos, ritos, podem ser percebidos pelas palavras enunciadas num discurso, assim o domínio da língua do grupo a ser pesquisado é fundamental para a relação com o sujeito de pesquisa durante o trabalho de campo, como ressalta Oliveira (1994). A partir disso, na pesquisa com surdos foi fundamental o conhecimento da LIBRAS, tendo em vista que esta é entendida por seus usuários como a língua natural surda, mas também, é através dela que estes sujeitos expressam suas percepções de mundo e as significam por meio de códigos linguísticos. A língua de sinais é um fator cultural marcante destes sujeitos, pois

através do seu uso e compartilhamento os surdos não se identificam como deficientes auditivos, e sim como uma minoria étnico linguística inserida em uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Assim, os registros dos depoimentos pessoais dos surdos Alfas acerca do processo de nomeação foram fundamentais para compreender como ocorre a formação dos sinais próprios dos surdos e a importância destes para a rede de surdos mapeada no município de Viçosa (MG). Ao ter a LIBRAS como um fator da cultura surda, sendo esta de modalidade espacial visual, a câmera de vídeo foi essencial para as análises de dados que compuseram a descrição densa. A partir disso, é possível registrar com maior propriedade os sinais que compõem a LIBRAS. Tal procedimento metodológico auxilia na compreensão linguística das narrativas e da própria fonologia dos sinais.

Entende-se, desse modo, que o aspecto visual destaca imageticamente os elementos que dão relevo às narrativas, realçando o contexto, os espaços de sociabilidade e as interações estabelecidas. Essa análise pode auxiliar na ampliação do entendimento das projeções discursivas criadas pelos sujeitos e na construção de um conhecimento acerca do “outro” (Godolphim, 1995; Samain, 1995; Rocha, 2008).

À medida que a Antropologia se apropria das imagens em seu argumento, encontra-se um campo de fácil expressão cultural, por meio da linguagem visual, o que possibilita ao etnógrafo transpor em imagens a problemática da pesquisa, uma vez que elas teriam uma visibilidade específica. Ou seja, a linguagem imagética, detentora de uma sintaxe própria, pressupõe articular o conteúdo significativo capturado pela câmera, com a discursividade das narrativas etnográficas.

Contudo, as contribuições da imagem para o registro etnográfico não se restringem à valorização das técnicas que geram um produto fiel à realidade, mas sim à captura das experiências humanas em sociedade e as suas relações com os significados acionados por esses. Os elementos metodológicos, acima mencionados, vão ao encontro da “descrição densa”, a qual constitui a etapa de análise dos dados e da produção de resultados.

O EUDICO language annotator (ELAN) é um software que foi desenvolvido pelo psicolinguista holandês, Max Plank. Este é um programa gratuito e compatível com todos os sistemas operacionais. Além disto, o ELAN possibilita ao pesquisador fazer anotações de forma ilimitada e pode ser aberto até quatro vídeos de forma simultânea. Embora, tenha sido criado para a análise de línguas e de línguas de sinais,

ele pode ser utilizado por qualquer um que trabalhe com corpora de mídia, ou seja vídeos/áudio, possibilitando fazer anotações, análises e documentações destes. O programa permite sincronizar as anotações com o vídeo, criar faixas de marcação, e ocultá-las. Além disto, é possível acelerar ou desacelerar a mídia, aumentar o diminuir o tamanho da imagem (Rodrigues, 2013).

O ELAN favorece a transcrição de vídeos, pois, permite modo de visualização de uma timeline (semelhante aos programas de edição de vídeo) (...) No caso da pesquisa com língua de sinais podem ser utilizadas, por exemplo, linhas para anotações das glosas (anotações específicas de elementos isolados para fazer referência a outro texto), tradução para português ou outro idioma, marcações não-manuais, sons associados à produção de sinais, descrição do contexto de interação, comentários, entre outros. (Christmann; Domingos; Oliveira; Quadros, 2010:2).

O ELAN pode ser um recurso útil não apenas aos estudos da linguagem, mas também as pesquisas que utilizam mídia como recurso metodológico, pois no momento em que o pesquisador não está em campo e sim no gabinete realizando a análise dos dados, construindo o diário de campo. O ELAN pode ser uma ferramenta útil, tendo em vista que não apenas as palavras, mas também o contextos, os gestos e as ações são significativas aos olhos do pesquisador.

A performance dos sujeitos são dotadas de significados, e capturar os detalhes e interpretá-los faz parte da arte do Antropólogo. Assim, momentos que passaram despercebidos no momento em que estava em campo, podem aparecer numa análise mais atenta da mídia utilizada.

Assim, na pesquisa intitulada: Sinais Como Nomes Próprios: Significados corporais a partir das especificidades para a comunidade surda, utilizou-se o este software para analisar as performances dos surdos, e tentar compreender como e quais as possíveis relações com o processo de nomeação. Os relatos e as experiências dos sujeitos foram correlacionados com as impressões obtidas em campo.

O ELAN permitiu um observação mais atento acerca destas performances, uma vez que era possível acelerar e desacelerar a corpora de mídia e também retornar a um tempo específico da ação. Esta prática torna-se um aliado do ver, e observar antropológico, pois no momento em que está em contato com o seu sujeito da pesquisa é impossível voltar a um momento específico da interação. Além disto, é possível adicionar marcações e comentários no próprio vídeo, facilitando a análise de dados.

Nas figuras abaixo têm-se uma demonstração de como o programa foi utilizado na pesquisa. A fim de preservar a identidade do participante a imagem do seu rosto foi colorida. Na primeira delas (figura 1) é possível observar um momento do vídeo, em que o surdo sinaliza. Nota-se que nesta não há nenhuma marcação. Em seguida na figura 2 foram adicionadas quatro faixas referentes: aos classificadores, datilologia, sinais, e variações linguísticas; estas são categorias da LIBRAS que foram utilizadas para compreender como ocorre o processo de nomeação. Como os surdos eram os sujeitos em questão, o domínio de alguns conceitos da sua língua natural foram de extrema relevância para a pesquisa. Logo, quando algumas destas categorias apareciam no vídeo era possível marcar na faixa referente o momento em que ela apareceu, adicionar comentários e análises.

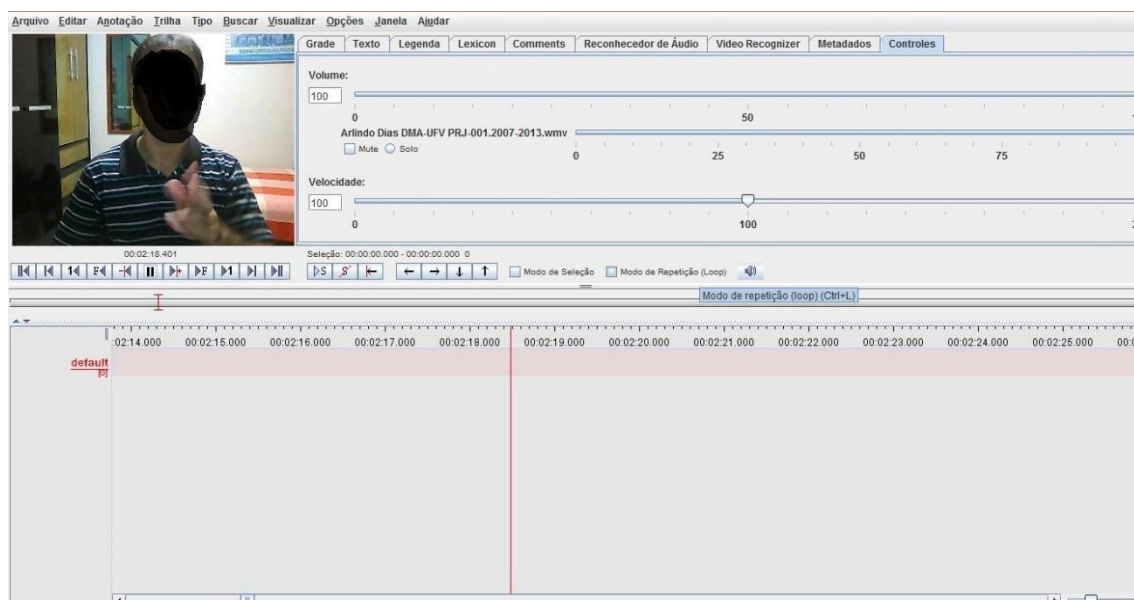


Figura 1 - Exibição da performance do surdo em LIBRAS

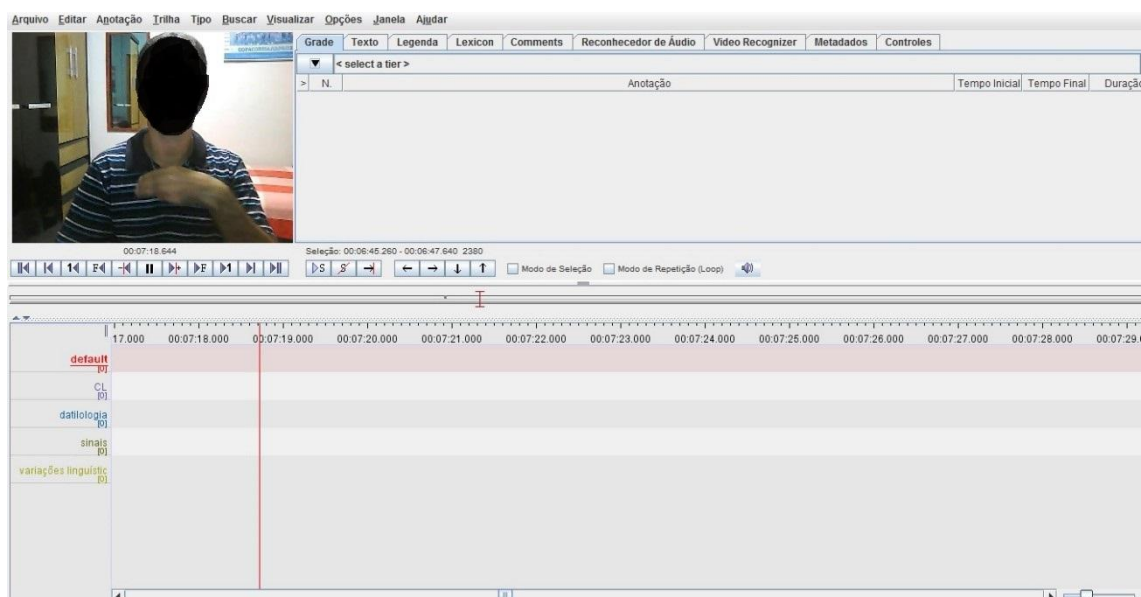


Figura 2.0- Marcação de faixas no vídeo

Embora o foco da pesquisa tenha sido o processo de nomeação dos surdos, ressalta-se que qualquer outro trabalho de campo, o qual utilize corpora de mídia pode se apropriar deste software como um recurso para análise de dados. Por conseguinte, a flexibilização de fronteiras das diferentes áreas do conhecimento e a interdisciplinaridade são capazes de tornar o ofício do Antropólogo menos árduo. Apesar do ELAN ser uma ferramenta originária da psicolinguística e comumente utilizada pelas ciências da linguagem, o programa também é compatível com a pesquisa etnográfica; ele pode ser um aliado de futuros pesquisadores.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo fazer um resgate a teoria Antropológica, a fim de ressaltar as transformações em seus conceitos, teorias, e no campo metodológico. A partir disto, o trabalho mostrou como esta disciplina criou e transformou os seus paradigmas, e também está sujeita as mudanças epistemológicas.

Assim através de um resgate histórico da ciência o artigo tentou demonstrar como a teoria do embodiment pode ser utilizada na pesquisa de campo, e como as percepções humanas influenciam na (re)criação de significados que são compartilhados com os outros sujeitos no mundo. Ademais, por meio da teoria de Csordas (2008) incitou-se o debate acerca da Antropologia Social e a atenção demasiada aos rituais de

uma forma macrossocial, e por vezes as experiências dos sujeitos envolvidos não estiveram presentes nas descrições deste processo.

A teoria de Csordas (2008) traz o corpo como um campo teórico-metodológico a ser explorado pela Antropologia, deste modo o autor tenta resgatar a relação entre o *habitus* de determinado grupo e as experiências compartilhadas pelos sujeitos envolvidos. Tentou-se demonstrar, ainda, de uma forma prática como a teoria do embodiment foi aplicada a pesquisa etnográfica intitulada Sinais Como Nomes Próprios: Significados corporais a partir das especificidades para a comunidade surda.

No intuito de contribuir com as reflexões do campo contemporâneo, o presente trabalho tentou demonstrar como o software ELAN pode ser utilizado como um recurso metodológico para a análise de dados. Apesar de ser um programa tradicionalmente utilizado pelas ciências que estudam a linguagem, ele pode ser uma ferramenta útil a pesquisa etnográfica, tendo em vista que esta faz uso de recursos imagéticos para a compreensão da totalidade das relações sociais e muitas vezes utiliza de filmagens. Além disto, a linguagem também é um objeto de estudo da Antropologia, pois é por meio dela que são expressos os ritos, mitos, os processos rituais, e as narrativas de entendimento de mundo dos sujeitos da pesquisa. Assim, a linguagem e a língua são fatores culturais a serem abordados pesquisadores, sabendo-se disto o ELAN pode ser útil ao trabalho de campo.

Deste modo, este Software foi imprescindível para compreender o sujeito surdo do Município de Viçosa (MG), além disto como a linguagem é uma questão presente em todas as relações humanas e por isto um tema caro à diversas ciências; o trabalho interdisciplinar torna-se essencial, pois é possível utilizar correlacionar os diferentes saberes para compreender os sujeitos em sua totalidade.

Referências

- BARNES, J. A. *redes sociais e processos políticos*. In: FELDIMAN, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *El sentido Práctico*. Spain: Taurus, 1999.
- BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CHRISTMANN, Karina Elis; DOMINGOS, Franz Kafka Porto; OLIVEIRA, Janine Soares de; QUADROS, Ronice Müller de. *O software ELAN como ferramenta para transcrição, organização de dados e pesquisa em aquisição da língua de sinais*. Anais do IX Encontro do CELSUL, Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology*. New York, NY: Cambridge University Press, 1997
- DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. *Algumas formas primitivas de classificação*. In: Marcel Mauss, *Ensaio de sociologia*, São Paulo, Perspectiva, 1981, pp. 399 - 455.
- DINIZ, Débora. *Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1): 175-181, jan-fev, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. Os usos da diversidade. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n10, pág. 13-34, maio 1999.
- GEDIEL, Ana Luisa. *Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- GESSER, Audrei. *LIBRAS? : Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda* - São Paulo: Parábola Editorial. 2009.
- GOFFMAN, Erving. A Situação Negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998
- GODOLPHIM, Nuno. *A fotografia como recurso narrativo: problemas entre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica*. In: *Horizontes Antropológicos* Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 125-142, 1995
- HEREDIA, Fabiola. “*Me di cuenta de que podía hablar con las manos...*”: las personas sordas y su encuentro con la Lengua de Señas y la *comunidad sorda** in: IX Congreso Argentino de Antropología Social “Fronteras de la Antropología”, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- LEACH, Edmund R. *Sistemas políticos da Alta Birmânia. Um estudo da Estrutura Social Kachin*. São Paulo, Edusp, 1995.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Ática, 1978.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* [1925]. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003, pp. 183- 264.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. *Mana*, Abr 1998, vol.4, no. 1
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Ver Ouvir e Observar. O trabalho do Antropólogo*. São Paulo. UNESP. 1994.
- PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. In: Victora, Ceres & Sarti, Synthia (org). *Sofrimento e Violência. Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n.42, jul/dez. 2014.
- PONTY, Merleau. *A estrutura do comportamento*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
- POPPER, Karl Raimund. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROCHA, Ana Luiza C. e ECKERT, Cornelia. *Aventura antropológica de narrar a cidade: nas*

trilhas da antropologia urbana e da antropologia da imagem. Iluminuras Revista Eletrônica do BIEV/PPGAS/UFRGS, v. 19, 2008.

RODRIGUES, Carlos Henrique. *A interpretação parta a língua brasileira de sinais: efeitos de modalidade e processos interfaciais*. Belo Horizonte, 2013. 225p. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos- POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

SAMAIN, Etienne. *Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia*. In: Horizontes Antropológicos Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 19-48, 1995.

Recebido em: 15/03/2015

Aprovado em: 09/06/2015